

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR
VICTOR FALCÃO

SEPARATA

Entrevista a José de Almada Negreiros
José Dias Sancho

NUM. 2



A entrevista desta semana

José de Almada Negreiros fala- nos das suas ideias e das suas intenções

Quando estendi a mão ao José de Almada Negreiros, uma noite destas, no *Tavares*, levava já na boca, precipitadamente, o pedido de uma entrevista.

Vieram os cafés do estilo. Preparámos o nosso plano, e ficámos face a face com um dos mais fulgurantes espiritos da Geração Moça, em quem o publico se habituou a ver apenas o *blagueur*, cego para a sua profunda intuição do Universo, desconhecendo por completo a riqueza abundante da sua Arte.

Ficámos nós, então, frente a frente, em silencio, — um a procurar inquirir, outro a procurar responder...

Os seus olhos rasgados e longos embebiavam-me de expectativa.

E a entrevista nasceu...

—Sei que V., Almada, é um homem sempre cheio de projectos... Deve tê-los neste momento, e fartos, hein?!

A pergunta saiu banal, como se estivessemos em presença dum academico.

Esperámos uma *boutade*... Mas não! Almada Negreiros respondia serenamente:

—Não tenho projectos nem programas de nenhuma especie. Apenas estou recordando o que já aconteceu na minha vida até hoje e encontrei-lhe uma direcção que vou recapitular talvez em conferencias com o titulo de *A Revolução Individual*. Uma destas confe-

rencias, aliás, já foi lida publicamente. Lembra-se?
A Invenção do Dia Claro.

—Mas afinal que pretende V. com essa série de conferencias?

Nitidamente, o Artista expoz-me o seu pensamento:

—Explicar o sentido essencial da evolução da humanidade. Numa palavra: mostrar que a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e que o Homem e só ele, em sociedade ou individualmente, é fim.

A orquestra tocava um *fox-trot* ruidoso. Para além do biombo, era toda uma sinfonia de restaurante, —copos que tiniam, gargalhadas irreverentes, um sussurro de vozes que se comunicam baixo...

Tornei a alinhar, intimamente, as minhas ideias, enquanto sorvia um golo de café.

De chofre, perguntei:

—Qual é a sua situação actual dentro do mundo?

Diante desta interrogação capciosa, o seu fino espirito esgrimiu dextramente:

—Quero pertencer ao proprio mundo, ir alistar-me nas fileiras da humanidade *voluntariamente*, com o meu proprio corpo...

—Crê V. então na alma?...

—Creio tanto na alma como creio no corpo!

Sorri por distinguir claramente o perigoso campo de transcendencias que tinhamos alcançado.

—E na imortalidade da alma?

—Sim. Mas é necessario saber que a alma não pode nascer senão dentro de um corpo humano. Isto é, a imortalidade da alma depende directa e unicamente da materialidade do corpo.

«A alma não morre nunca, mas para ser imortal tem de ter nascido uma vez. Sabe? O corpo não pode viver sem alma, mas ha corpos aonde a alma parece morta; e vai ao depois esses corpos existem com a alma morta. Coitados! e sem saberem a maior parte das vezes que o Deus invizivel, o Deus de todos Nós, é o Unico que tem o segredo para ressuscitar almas!

Retrocedemos.

—Meu caro Almada: uma outra pergunta me interessa. Qual é a sua posição perante o Passado?

—O Passado não é senão o proprio exemplo do esforço individual. O Passado não tem outra pretensão a não ser a de trazer a iniciativa de emancipação ás mãos do proprio que a deseja.

Só emancipando-se o individuo poderá atender-se á humanidade, conjunto de individuos. Ora aqui está a intenção de *A Revolução Individual*.

Almada Negreiros exprime-se sobriamente, com segurança. A sua intelligencia lucida segue pelos meandros complicados das suas deducções, a pretender iluminá-las de simplicidade e de logica.

Então, como complemento, como exemplificação de tudo o que vinha de ouvir, escutei uma anedota:

—Um santo, ao morrer, apresentou-se immediatamente ás portas do céu, pedindo entrada a S. Pedro...

«S. Pedro negou-lha. E o santo, apontando para a terra, pediu-lhe que visse como ele tinha sido bom no mundo, — diante do seu cadaver desenrolava-se toda uma piedosa romaria em que o mundo inteiro mostrava venerar as suas virtudes.

S. Pedro respondeu:

—Não! As portas do Céu não se abrem a individuos, a isolados, ainda que sejam santos. As portas do Céu abrir-se-hão um dia de par-em-par mas para todos... quando a humanidade inteira, com todas as suas religiões, vier ombro a ombro até aqui e sem que tenha deixado nem um só esquecido e desprezado, lá em baixo, na terra!...

Passavam dois ingleses de face glaba, vermelhos, amplos, charutos na boca, como fachos...

Uma silhueta feminina... Um *groom* que atravessa a sala... E outra vez a entrevista se reanimou:

—Sabida a sua posição perante o Passado, não é menos interessante desenhá-la perante o Futuro...

—Meu amigo! O Passado está patologicamente realizado no nosso sangue actual.

«Os homens de amanhã estarão colocados, logica e fatalmente, perante a humanidade, exactamente

como Nós, neste momento. Não é necessario folhear o Passado. Ele está voluntariamente em nós. A situação do Homem perante a Humanidade, será sempre o Passado quem a dirigirá—o Passado que é a determinante do Futuro.

Acendi um cigarro. Almada Negreiros continuava a expôr. A minha interrupção foi brusca:

—Afinal qual é o *seu* fim?

—Oiça! Na minha ante-emancipação, a maior, a unica grande falta que eu tenho sentido, sabe qual é? E' a falta de outros, de outros iguais a mim, de outros que venham comigo ou eu com eles... Compreende? Estou farto de semelhantes!

«E o caminho, entretanto, é unico para todos:

«A consciencia não é senão a atenção posta contemplativamente diante da inconsciencia...

«Tantas expressões, tantos realismos, tantas elevações, — Religião, Moral, Sciencia, Arte; porque não servir-se rapidamente de cada um destes processos de atenção para libertar o individuo?! E para que pretender libertar essas abstracções ilibertaveis, a Religião, a Moral, a Arte, a Sciencia?! Repito: a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e só o Homem é fim!

—Seria curiso saber-se como V. aplica a sua teoria ao nosso problema nacional...

—Defendendo a criação da linguagem que traduza para português legitimo todas as expressões universais...

A orquestra, que se calára por instantes, recomeçou o ruido.

Debandava gente com ares de fartura e riqueza.

As nossas chavenas estavam vazias.

Não pude calar um comentario:

—V. agora está mais filósofo do que Artista, meu caro Almada...

—Não! Continuo a ser o mesmo, desde que nasci. Vou talvez, simplesmente, a dobrar a esquina da Filosofia...

«E só peço a Deus que me deixe viver tão arden-

temente todas as minhas idades como aquelas que
eu já vivi até hoje!

É assim que pensa José de Almada-Negreiros neste
ano da Graça de 1923.

José Dias-Sancho
